



Perfil íntimo do ator Nuno Lopes
A JUVENTUDE NA AMADORA,
AMORES E O CLUBE DE FÃS NA ÍNDIA

Têm menos poder e menores salários que os homens
GRANDES EMPRESAS PRIVADAS AFASTAM
MULHERES DAS COMISSÕES EXECUTIVAS

SÁBADO

www.sabado.pt N.º 845 - SEMANAL - 9 A 15 DE JULHO DE 2020 - €3,50 (CONT.)



DESCOLONIZAÇÃO DE ANGOLA E MOÇAMBIQUE

AS INCRÍVEIS AVENTURAS DOS PORTUGUESES QUE FICARAM EM ÁFRICA

Viveram no fio da navalha e enfrentaram até a tortura.

Tinham lá tudo: bens, família e raízes.

Nos 45 anos da ponte aérea contamos estas histórias proibidas



BASTIDORES

Contamos-lhe as incríveis aventuras dos portugueses que decidiram ficar em Angola e Moçambique após a independência das ex-colónias. Colocamos em confronto duas visões opostas no combate à pandemia: a saúde e a economia

Os que ficaram em África

Entre março e novembro de 1975, mais de meio milhão de pessoas viajaram das antigas colónias para Portugal – a maioria, de Angola. Mas enquanto milhares de retornados recorriam à ponte aérea, muitos outros optaram por ficar em África em tempos de incerteza, instabilidade – e risco.

Foi com estes aventureiros que a redatora principal Ana Taborda falou para fazer o tema de capa desta edição. Uma reportagem que começou a ser preparada muito antes da atual pandemia. Só por isso foi possível à



MIQUEL BARREIRA

O jornalista Bruno Faria Lopes a entrevistar o casal Carlota Louro e Pedro Portugal



Chefe de Redação
Nuno Tiago Pinto

jornalista da SÁBADO, uma vez chegada a Coimbra, apanhar uma boleia até à casa de Manuel Resende de Oliveira, cidade onde o primeiro português a obter um bilhete de identidade angolano passa algumas temporadas. Mais tarde, acabou por ser a jornalista a dar boleia a Ana e Raul Almeida, para que o casal viesse ao estúdio da SÁBADO gravar um depoimento sobre os tempos passados em Moçambique após a independência do país – um vídeo para ver em breve no site da SÁBADO.

Um casal em campos opostos

A defesa da saúde e da economia tem estado em campos opostos na crise da Covid-19. Foi por isso com expectativa que o repórter Bruno Faria Lopes chegou à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova, em Lisboa, para



entrevistar a epidemiologista Carlota Louro e o economista do trabalho Pedro Portugal. Quando o jornalista perguntou se preferiam fazer a entrevista com ou sem máscara, dada a janela aberta e a distância, o economista respondeu: "Não tem problema, estamos a mais de dois metros e em Inglaterra a distância vai ser de um metro. Há pouca diferença no contágio entre um e dois metros." A resposta do lado foi rápida: "Discordo." "A minha estimada colega não está de acordo", foi a contrarresposta, seguida de gargalhadas. Foi o aquecimento para uma entrevista em que, a espaços, um dos dois sorria ou fazia uma cara humoradamente arpejada perante a argumentação do outro. Detalhe importante: Carlota Louro e Pedro Portugal são casados.

A nova formada de leões

Com a chegada de Rúben Amorim, cinco miúdos começaram a aparecer na equipa principal do Sporting – Eduardo Quaresma, Gonçalo Inácio, Joelson Fernandes, Nuno Mendes e Tiago Tomás. Para saber mais sobre eles, o editor executivo Carlos Torres foi falar com Pedro Coelho, que os treinou quatro épocas, nos infantis e iniciados. Foi ele o responsável por transformar Tiago Tomás em ponta de lança: "Na estreia a jogar na área marcou três golos em 20 minutos ao Oeiras". Lembra. Entre outras histórias, conta como Joelson é supercompetitivo: "Num jogo em que estávamos a ganhar por 15-0 tirei-o na segunda parte e ele, apesar de ter marcado três ou quatro golos, saiu com uma azia tremenda."

Boa semana. ☺

Há comentadores televisivos com interesses privados em várias áreas. Descubra quais

SÁBADO
investigação

Faça a sua parte. Nós tratamos do resto

Envie as suas denúncias para o nosso email: investigacao@sabado.cofina.pt

Entrevista

CARLOTA LOURO E PEDRO PORTUGAL

Ela é epidemiologista, ele é economista. São casados e têm visões opostas sobre a forma como lidámos com a pandemia: ela defende o esforço feito, ele acha que se foi longe demais. Numa coisa concordam.

Por Bruno Faria Lopes (texto) e Miguel Barreira (fotos)

“Estes lockdowns tiveram uma duração muito além do razoável”

Carlota Louro e Pedro Portugal, casados há 36 anos, têm travado um debate doméstico sobre a crise aberta pela pandemia. Carlota – das poucas epidemiologistas com formação específica na área, professora na Faculdade de Ciências Médicas da Nova e ex-diretora clínica do Saúde24 – defende o curso seguido devido à impreparação do País para a nova doença. Pedro – investigador do Banco de Portugal, um dos principais especialistas sobre o mercado de trabalho e professor na Nova SBE – discorda: o balanço do confinamento, em termos de vidas salvas e da economia, está por fazer. Este debate espelha as dúvidas que as sociedades ocidentais têm sobre a gestão da pandemia.

Nas vossas conversas a oposição entre combater a pandemia e preservar a economia surgiu? Carlota Louro (CL): Sim [risos].

Por diversas vezes.

A epidemiologista mais focada na doença e...

CL: ...não, com noção de que havia riscos para a economia e que tudo dependia da forma como arrancássemos. Antes de começar ninguém sabia o que ia acontecer do ponto de vista da saúde pública, mesmo com a experiência de outros países. A minha preocupação inicial era: se conseguirmos sustentar a transmissão comunitária, provavelmente antes do verão, arrancamos com a economia. Ainda não temos transmissão comunitária suficientemente controlada.

E do seu lado?

Pedro Portugal (PP): Nas primeiras semanas de março percebi que se estavam a tomar decisões numa situação de incerteza inacreditável e que alguma coisa tinha de ser feita. Mas decorridas algumas semanas – poucas – para mim foram claras duas coisas: em primeiro lugar que a epidemia não tinha a perigosidade

▲ Carlota Louro, 62 anos, e Pedro Portugal, 61, não discordam em tudo: ambos dizem que dificilmente haverá um novo confinamento geral

■ *“Sabíamos que estávamos mal preparados. A única maneira foi tomar as medidas drásticas”*

que se tinha anunciado. Para termos uma ideia, nós temos uma média diária de 306 óbitos e hoje estamos preocupados com três dos 306 óbitos que terão ocorrido ontem...

CL: Seis.

PP: [Ri-se] Ou seis, pronto. Mas estamos focados numa pequeníssima parte do problema. Como economista gosto de pensar que há um nível adequado de restrições de confinamentos. Esse equilíbrio é difícil de atingir. Mas para mim foi claro que a partir das primeiras semanas se tinha ido longe demais. Longe demais em relação às escolas, às proibições: proibiram-se os bancos de jardim, os visionamentos das ondas do mar... **Mas esses aspetos não são caricaturais em relação ao esforço que era preciso perante a ameaça existencial e desconhecida?**

PP: Não sei se era existencial. A métrica da epidemia está muito distorcida. Os números para que é razoável olhar são os do excesso de



mortalidade e, aqui, Portugal nem sequer está tão bem como parece: dos 3.000 óbitos em excesso [a diferença entre o expectável e o observado] só 1.500 são Covid. Os outros 1.500 a minha estimada colega talvez consiga explicar. O problema tem a ver com o facto de se ter colapsado propositadamente o SNS. A promessa foi que se ia tentar conter a epidemia de maneira a que o SNS aguentasse...

CL: ...aguentasse os internamentos em cuidados diferenciados e intensivos. Há sempre uma percentagem, que pode ir a 5% dos casos, que pode necessitar de uma prestação de cuidados muito diferenciada. Acho que sabíamos que estávamos mal preparados. E a única maneira de conseguirmos recorrer a alguma coisa antes que nos caísse tudo em cima foi tomar as medidas mais dramáticas disponíveis. Em termos de saúde pública precisavam que toda a gente tivesse a noção, mesmo que isso passasse por algum medo, que tudo o

que seja contactos sociais com menos de um metro e meio favorecem a transmissão. Com um R de 1,3 muito rapidamente veríamos a dimensão da epidemia aumentar e não conseguiríamos dar resposta. Fez-se um esforço brutal.

No debate sobre se prejudicámos demasiado a economia ou o combate à doença em nome da economia chegaram a algum consenso?

PP: Há mais ou menos um consenso de que estes *lockdowns* tiveram uma duração muito além do razoável. Acho que não se vai repetir. Têm um custo brutal para a economia. Percebo que as pessoas formadas em Saúde pensem nas vidas como tendo um valor infinito, e eu gosto de ser tratado por técnicos de saúde que pensam assim. Mas como economista sei que não é assim. Ensino aos meus alunos que há um valor económico da vida. Os decisores políticos não podem tomar medidas na presunção de que têm de poupar uma vida indivi-



TEATRO MARIA MATOS

REABERTURA



**CUIDADO:
VEM AÍ A
SEGUNDA VAGA**

A PARTIR DE 15 JULHO

20 JULHO



VESPERA

CABRITA

3 AGOSTO





**AFONSO
CABRAL**

4 AGOSTO



**SALVADOR
SOBRAL CANTA
BREL**

10 E 11 AGOSTO

**ALMA
NUESTRA**

17 E 18 AGOSTO



**SALVADOR
SOBRAL**

24 E 25 AGOSTO



RUGE

POEMAS e CANÇÕES

7-8 de SETEMBRO

RODRIGO GREDEN DE CARVALHO
RUBEN ALVES
DANIELA OMIS



FORCADEPRODUCAO

LUX

ESTRELA

ESTRELA

ESTRELA

◉ dual, por valiosa que seja.

Mas inicialmente, com a incerteza enorme, quem decidia podia dar-se ao luxo de arriscar?

PP: Há um efeito mediático, uma espécie de espiral infernal de medo...

CL: Isso é uma reação normal de qualquer um nós perante o desconhecido, Pedro. Tu não podes racionalizar o medo.

PP: Mas tu tens uma doença nova, tens o azar dos Távoras de ter aparecido na China, com a [falta de] transparência chinesa e com os métodos de contenção chineses a servirem de exemplo. E depois temos as televisões a concorrer por audiências, a passarem caixões, as pessoas cada vez mais assustadas, os políticos que não podem ser vistos como parados numa situação destas a tomarem medidas e a perceberem que são recompensados politicamente. Isto é criar a espiral que levou ao bloqueio.

As sociedades ocidentais reagiram todas assim.

PP: Não todas. Os suecos não reagem assim porquê? Porque a decisão está fora do Governo.

Sim, mas os suecos são uma exceção. Que está a revelar-se...

CL: ...que se está a revelar infeliz. Aliás, nós discutimos muito a situação da Suécia.

Vamos quatro meses de pandemia. O pior já passou ou, à luz do que estamos a ver agora em Lisboa, o outono e o inverno ainda fazem prever o pior?

CL: O pior já passou. Porque as pessoas aprenderam e já utilizam quase espontaneamente as máscaras. Espero que não percam os bons hábitos de higienização das mãos, de não tocar na face, não tocar nos olhos. Essas questões têm de estar visíveis em todos os locais de trabalho e de lazer. Se mantivermos uma grande parte da população ativa a cumprir essas medidas, não vamos ter grandes problemas. Podemos ter uma taxa de incidência maior, possivelmente um pico, também, porque é provável que, com mais humidade, temperaturas mais baixas e com as pessoas mais próximas, haja maior probabilidade de haver transmissão. E o vírus vai manter-se aí.

Das suas palavras percebo que



difficilmente teremos de voltar a fechar tudo. Será localizado.

CL: Exatamente, se as pessoas não relaxarem as medidas já intrínsecas ao seu comportamento, não vamos voltar a fechar tudo. Vão ter de fechar unidades fabris, locais particulares de trabalho, lares, instituições.

No emprego, em que ponto estamos (100 mil novos desempregados inscritos desde março)? O fim do lay-off será o maior abalo?

PP: Nunca tivemos num espaço tão curto de tempo um acréscimo tão grande de pessoas à procura de emprego. Os dados são muito preocupantes. A ideia do lay-off simplificado foi excelente. Foi uma lição que aprendemos com os alemães, que passaram bem a crise financeira em boa parte à custa desta medida – surgiu pela primeira vez no governo nazi – que dá um balão de oxigénio às empresas. Estamos a pôr em coma induzido estes postos de trabalho. Só depois do desmame destas medidas perceberemos a dimensão do problema. Não acredito que cheguemos aos 17% de 2013. Provavelmente vamos andar na casa dos 10%, mas ninguém sabe ao certo porque depende da incerteza sobre a pandemia e a economia. Isto foi percebido como um choque temporário, mas começa a persistir.

O abandono das aulas presenciais, decidido em abril, foi excessivo?

CL: Teria sido preferível esperar. Com tudo o que é novo tem de se ir fazendo o diagnóstico e ir atuando

◉ Os dois especialistas, fotografados na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova, em Lisboa

◉ *“Estamos a pôr em coma induzido estes postos de trabalho. Só depois do desmame [do lay-off] veremos a dimensão do problema”*

◉ *“O pior já passou. Porque as pessoas aprenderam e já utilizam as máscaras. Espero que não percam os bons hábitos”*

em função do que está a acontecer. Teria sido possível deixar que as pessoas decidissem se era mais saudável para a família e para a criança e, havendo condições, colocar, pelo menos em parte do dia, as crianças na escola.

PP: É formação de capital humano. Acho um crime de lesa pátria deixar as crianças praticamente ao abandono este tempo todo. Como economista do trabalho sei que é o fator mais importante na carreira profissional. Voltando à minha primeira resposta: o custo em termos de vidas da Covid, bem sei que com confinamento, é da mesma ordem da gripe deste ano. E ninguém deu por ela.

Mas foi com boa parte do País confinado.

CL: É a nossa grande discussão. Aqui não nos entendemos mesmo.

PP: É muito importante perceber qual é o efeito do confinamento em termos de vidas e efeito económico. Não foi reduzir [os infetados] para um décimo. Estou convencido disso. A gripe de 2017 matou três vezes mais do que a Covid.

CL: A Covid ainda não acabou. Particularmente em Portugal, comparando com outros países, há um terço da população que é idosa, é dependente. Quase todos esses em Portugal, mais do que nos inquiridos de saúde dos outros países, têm comorbidades importantes (diabetes, problemas cardíacos) e tu não vais fazer eutanásia a um terço da população portuguesa. ◉

